



MORRO DA MANGUEIRA: O LUGAR DE CARTOLA

Glaucia Regina S. Santos¹
Anna Paula Soares Lemos²

Resumo: Pelo presente artigo objetiva-se apresentar, via o conceito de lugar segundo a Geografia Humanística, a relação que o compositor Angenor de Oliveira, o Cartola, estabelece com o seu lugar, o Morro da Mangueira. Para tanto, a partir de um estudo teórico, apresentamos uma breve contextualização sobre a formação do Morro da Mangueira, apontando os diferentes momentos do cenário político que influenciaram na ocupação territorial desse espaço. O texto traz os conceitos de lugar, paisagem e os neologismos “topofilia e topofobia” para que se entenda de que forma o poeta, através de sua arte, projeta o morro. Apresentam-se algumas composições de Cartola, por meio das quais, faz-se uma análise do discurso do eu-lírico para que ratifique-se a relação afetiva dele para com o seu lugar.

Palavras-chave: Cartola. Morro da Mangueira. Topofilia

Abstract: This article aims to present, through the concept of place according to Humanistic Geography, the relationship that composer Angenor de Oliveira, Cartola, establishes with his place, *Morro da Mangueira*. Therefore, from a theoretical study, we present a brief contextualization about the formation of *Morro da Mangueira*, pointing out the different moments of the political scenario that influenced the territorial occupation of this space. The text brings the concepts of place, landscape and the neologisms “topophilia and topophobia” to understand how the poet, through his art, designs the hill. Some of Cartola's compositions are presented, through which an analysis of the lyrical self's discourse is made so that his affective relationship with his place can be ratified.

102

Key- words: Cartola. *Morro da Mangueira*. Place. Topophilia.

Considerações iniciais

O Morro da Mangueira é considerado como lugar por este texto visto que nesse espaço as tradições e os modos de vida são particulares com seus significados e dinâmicas próprias; possuindo aspectos históricos, culturais e ambientais de singularidade geográfica e de identidade dos moradores; e ainda ao patrimônio cultural por representar um aspecto da história local, compreendido enquanto vínculo afetivo, de pertencimento, como espaço vivido e produto das relações sociais.

¹ Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Humanidades, Culturas e Artes - Unigranrio.

² Professora Adjunta do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes – UNIGRANRIO.



Para a Geografia Humanista é importante que sejam estudadas as nuances do mundo vivido e que se perceba que as pessoas é o que dão significado e à paisagem por meio de suas percepções e modos de vida.

Cartola chegou ao morro da Mangueira aos 11 anos, a família mudou-se para lá em 1919. Não há como falar de Agenor de Oliveira sem que façamos um breve relato sobre o lugar que está intrinsecamente ligado ao seu nome, ou seja, quando se fala em Cartola, se fala em Mangueira e vice-versa. Essa referência não se faz única e exclusivamente à escola de samba Estação Primeira de Mangueira, da qual o presente trabalho tratará em capítulo específico, mas também ao espaço físico onde nasceu o Agenor compositor que se faz objeto da presente pesquisa.

O Morro da Mangueira fica localizado na zona Norte do Rio de Janeiro, entre os bairros do Engenho Novo e São Cristóvão. O povoamento do morro teve início quando alguns barracos foram erguidos nas terras que pertenciam ao Visconde de Niterói, doadas a ele pelo Imperador D. Pedro II. No início dos anos 1850, a localidade era conhecida como Morro dos Telégrafos, devido ao primeiro telégrafo aéreo do Brasil. Segundo o historiador Maurício Santos, o Visconde de Niterói já havia falecido quando os primeiros barracos foram erguidos na Mangueira, um fato facilitador para que a ocupação se consolidasse.

Não levou muito tempo para a indústria corroborar para o aumento populacional do espaço. Instalou-se ali perto do morro a Fábrica de Fernandes Braga, que produzia chapéus. Logo depois, a indústria passou a ser conhecida como “Fábrica das Mangueiras”, pois a região era uma das principais produtoras de mangas da cidade do Rio de Janeiro.

Com isso o nome da Fábrica de Fernandes Braga mudou para Fábrica de Chapéu Mangueira, esse nome tornou-se tão notório que a Estrada de Ferro Central do Brasil nomeou de “Mangueira” a estação de trem inaugurada em 1889. A ocupação ao lado da linha férrea também passou a ser chamada de Mangueira e o nome “Telégrafos” passou a denominar apenas uma parte do Morro. (FREIRE, 2016).

No início do século XX, dois acontecimentos colaboraram para o crescimento do Morro da Mangueira. O primeiro foi em 1908, quando a prefeitura reformou a Quinta da Boa Vista e demoliu casas próximas ao local. Muitas dessas habitações



eram de soldados, que ganharam o direito de carregar os restos da demolição para onde quisessem. Eles foram para a Mangueira. Em 1916, um incêndio no Morro de Santo Antônio, no centro da cidade, levou ainda mais pessoas sem casa a tentarem uma nova vida no Morro da Mangueira.

Em 1935, houve uma tentativa de descendentes do Visconde de Niterói, antigo proprietário das terras onde a comunidade foi erguida, de despejar os moradores do Morro da Mangueira. Contudo, os habitantes do Morro foram socorridos pelo prefeito Pedro Ernesto e continuaram por lá, onde seguem até hoje.

Para tratarmos da relação que Angenor de Oliveira, o Cartola estabelece com o Morro da Mangueira, traremos à tona alguns conceitos importantes para elucidarmos a relação desse sujeito com o seu lugar. Esses conceitos estarão, primordialmente, fundamentados em TUAN (1983), CARLOS (1996), HALL (2006), entre outros teóricos que tratam desse referido tema.

O conceito de Lugar

104

O conceito de lugar pode ser considerado de acordo com diferentes vieses. Na geografia, ele pode se desdobrar em duas correntes. De acordo com Moreira (2007), o conceito de lugar está relacionado tanto com as teorias marxistas, quanto às da geografia humanística. Enquanto a primeira descreve lugar como espaço resultante de características históricas e culturais pertinentes ao seu processo de formação, mas que segundo Leite (1998), pode estar relacionado como uma expressão de globalidade

a origem desta percepção encontra-se intimamente relacionada a processo de expansão do modo capitalista de produção que através de uma ampla rede de fluxos (de transportes, de informação e de mercadorias), que conseguiu incorporar progressivamente todos os pontos da superfície do planeta, inclusive aqueles considerados como remotos. (LEITE, 1998, p.15).

Já a segunda teoria, a humanística, considera o lugar enquanto espaço vivido, espaço singular e espaço carregado de significações. De acordo com a geografia humanística e cultural, viés que conduz a conceituação de lugar vista neste artigo, esse espaço é visto a partir dos vínculos que os sujeitos que o habitam desenvolvem a partir de seu cotidiano.



Segundo Carlos (2007), o lugar guarda em si e não fora dele o seu significado e as dimensões do movimento da vida, possível de ser apreendido pela memória, através dos sentidos e do corpo. Ainda que a passagem do tempo modifique as relações interpessoais, o lugar continua sendo resultado dessas relações para com o local em que habitam, constituindo, assim, uma afetividade que consolida esse lugar. Ainda de acordo com a concepção da autora “o lugar pode ser entendido como “desenvolvendo, ou melhor, se realizando em função de uma cultura/tradição/língua/ hábitos que lhe são próprios, construídos ao longo da história” (CARLOS, 2007, p.17).

Tanto para Tuan (1983) quanto para Ferreira (2000), os significados atribuídos ao lugar pelas pessoas traduzem os espaços com os quais elas têm vínculos afetivos e subjetivos que se opõem aos racionais e objetivos. Ainda segundo Tuan (1975), existe uma relação tênue entre experiência e tempo, pois, raramente, a constituição de lugar se faz sem que ocorra um contato de um longo tempo com esse lugar, ou seja, ela não se concretiza apenas pelo simples fato de passarmos por ele. Nesse sentido, o Morro da Mangueira constitui-se enquanto lugar para seus moradores quando relembram uma viela ou uma rua onde vivenciaram brincadeiras de infância, ou até mesmo o alto do morro de onde se observava a cidade.

O lugar é, então, o resultado do espaço dotado de definições e simbologias. Segundo Tuan (1983), o espaço se transforma em lugar à medida que adquire definição e significado. O lugar é uma pausa no movimento [...] A pausa permite que uma localidade se torne o centro de reconhecido valor (TUAN, 1983, p. 153). Essa valoração do espaço e a relação intrínseca entre Cartola e o seu lugar, o Morro da Mangueira, pode ser bem exemplificada em uma fala de D. Zica³, publicada no livro *Tempos Idos* (1983).

... Ele estava morando na Manilha, tinha se separado de Donária. Eu fui pra lá. Fiquei uns dois meses com ele lá. Um dia me invoquei e disse: Que é que há, Cartola, você não é o Cartola do Caju. É o Cartola da Mangueira. Vamos pra lá! (SILVA e FILHO, 2003, p.90)

³ Euzébia Silva do Nascimento, conhecida como D. Zica, foi uma sambista da velha guarda da Estação Primeira de Mangueira e a última esposa do sambista Cartola



Essa relação do sujeito com o seu lugar que ratifica os laços afetivos desenvolvidos a partir da convivência desse sujeito com o espaço e com os outros pode ser explicitada por versos que extraímos de composições de Cartola, fazendo referência ao seu lugar, o morro da Mangueira. Vejamos:

Pranto de um poeta⁴

Em Mangueira
Quando morre um poeta
Todos choram
Vivo tranquilo em Mangueira
Porque sei que alguém há de chorar
Quando eu morrer
Mas o pranto em Mangueira
É tão diferente
É um pranto sem lenço
Que alegra a gente
Hei de ter um alguém pra
Chorar por mim
Através de um pandeiro ou de
Um tamborim

106

Os versos “ Em Mangueira/ quando morre um poeta/ todos choram” e “Mas o pranto em Mangueira é tão diferente” exemplificam a relação subjetiva/ afetiva que o eu lírico estabelece com o seu lugar. Embora o morro seja um espaço à margem da sociedade, onde, geralmente, a pobreza se faz presente, essa realidade não é referenciada pelo compositor que através dos seus versos descreve o morro da Mangueira como um lugar especial, no qual seus moradores vivem em comunidade e compartilham dos mesmos sentimentos.

⁴ <https://m.letras.mus.br/cartola>



Segundo Moreira (2007), o lugar pode ser compreendido como pertencimento espaço vivido, ou seja, há um sentimento de pertença, o que podemos observar nesses versos cuja mensagem é “se um sofre, todos sofrem.” Lá, no morro da Mangueira, até o pranto é diferente, na concepção do autor, é um pranto que alegra apesar das adversidades. Além disso, o poeta expressa que, nesse lugar, ele vive tranquilo, ratificando que essa tranquilidade nasce a partir do profundo envolvimento que o indivíduo tem com esse local.

Outra composição de Cartola que trata da sua relação subjetiva com o Morro da Mangueira é Alvorada.

Alvorada⁵

Alvorada lá no morro

Que beleza

Ninguém chora, não há tristeza

Ninguém sente dissabor

O sol colorindo, é tão lindo, é tão lindo

A natureza sorrindo, tingindo, tingindo (...)

107

Com os versos da composição Alvorada, Cartola romantiza a visão do amanhecer no morro. Nos versos dessa canção, o compositor expressa sua admiração pelo Morro da Mangueira e mostra-se apaixonado pelo seu lugar, afirmando que lá a Alvorada é bela e que nesse lugar, não há tristeza. Ele descreve, metaforicamente, os primeiros raios de sol que surgem e iluminam o lugar, como se atenuassem a pobreza e fizessem com que, em interação com o local, todos se sentissem felizes. O eu lírico, com essa descrição, mais uma vez, ratifica a concepção de que coexistem as referências pessoais e o sistema de valores que direcionam a subjetividade na forma de perceber o espaço geográfico.

Segundo Tuan (1980), os sujeitos percebem a realidade, seja ela objetiva ou subjetiva, a partir de seus sentidos que são influenciados pela cultura, o que pode modificar e construir uma visão de mundo e atitudes a partir de sua relação com o

⁵ <https://m.letras.mus.br/cartola>



ambiente. Podemos relacionar esse sujeito citado por Tuan ao sujeito sociológico de Stuart Hall (2006).

Hall (2006) distingue três concepções diferentes de identidade, cada uma equivalente a um período histórico - sendo reflexo de um momento social e de formas de pensar específicas de sua época - são elas:

- a) sujeito do Iluminismo
- b) sujeito sociológico
- c) sujeito pós-moderno

O sujeito do Iluminismo era totalmente centrado baseado na ideia de ser humano autônomo, único, unificado e coerente. Segundo essa visão todos os homens eram dotados de razão e agiam racionalmente. E as identidades eram coerentemente, e racionalmente construídas. Era também uma visão muito individualista do sujeito e de sua identidade.

108

O sujeito sociológico está relacionado com as mudanças complexas pelas quais passavam as sociedades modernas. Descobre-se, nesse momento que o sujeito não é mais autônomo, que a formação da sua identidade vai depender da relação que estabelece com o contexto social o qual ele está inserido. O sujeito ainda tem uma essência interior, mas este é formado e modificado num diálogo constante com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem. A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior”.

Já o sujeito pós-moderno é produzido pela fragmentação que o sujeito previamente vivido como tendo uma identidade unificada sofre com o advento da globalização, ele não é mais composto por uma única identidade, como já dito, mas por várias, algumas vezes contraditórias ou não – resolvidas, logo não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente, definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Hall (2006) conclui, então, que a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia.



Para o teórico

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias e não resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais 'lá fora' e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as 'necessidades' objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático. (HALL, 2006, p.13)

Paisagem e lugar: o homem e seu espaço vivido

Paisagem e lugar estão intimamente ligados, pois as paisagens culturais representam o resultado da interação que o indivíduo desenvolve com o meio ambiente no qual ele está inserido. A paisagem se constitui, então, a partir da percepção que os indivíduos têm dos diferentes elementos naturais e culturais com os quais interagem. Dessa forma, para se compreender a paisagem se faz necessário considerar as vivências e experiências dos sujeitos no lugar. Paisagem expressa uma ideia de síntese muito mais completa que a de região, território, espaço e lugar (CONTI, 2014).

Segundo Dardel (2011)

...a paisagem é um conjunto, uma convergência, um momento vivido, uma ligação interna, uma 'impressão', que une todos os elementos. A paisagem não é um círculo fechado, mas um desdobramento. A paisagem é um escape para toda a Terra, uma janela sobre as possibilidades ilimitadas: um horizonte. Não uma linha fixa, mas um movimento, um impulso. (Dardel, 2011, p. 30-31)

Entendemos a partir dessa concepção que a paisagem é uma realidade viva, ela é dinâmica e como ela tem história, correlaciona-se com o lugar, logo o estudo e entendimento da paisagem não se completam sem que se faça a análise das transformações realizadas ali pelos indivíduos. Ela é o resultado das nossas percepções sobre tudo que nos cerca, ou seja, o resultado da nossa habilidade contemplativa que faz com que seus elementos estruturais estejam em sintonia com a nossa alma, possibilitando que sintamos e percebamos a paisagem. Enquanto lugar é o 'espaço vivido' onde se dão relações sociais culturais e de



identidades. Essas relações vão constituir, então, um espaço dotado de construções simbólicas, o lugar- paisagem⁶.

Para Pierre George (1966), toda coletividade humana projeta-se sobre uma porção do espaço terrestre a qual, sob diversas formas, serve de suporte para suas atividades. Essa parcela do espaço comporta, de fato, uma estratificação de vários espaços, qualificados segundo a natureza de suas relações com atividades e formas de existência dos grupos considerados.

Considerando que a paisagem se desvela por meio da arte e das práticas culturais, no Morro da Mangueira, ela se destaca através do samba. Pelos encontros da comunidade no Palácio do Samba⁷, não só durante o carnaval, mas também no pré- carnaval, ou seja, o espaço constitui a paisagem do lugar. Esse é um espaço onde o morador do morro, muitas vezes, referência com orgulho, pois simboliza o que há de mais valioso no que tange à sua prática sociocultural.

“A paisagem é uma realidade cultural, pois ela não é somente resultado do trabalho humano, mas também, objeto de observação, e mesmo consumo” (AMORIM FILHO, 1999, p. 143). Nesse sentido, o samba e os ensaios que ocorrem na quadra da escola de samba, localizada na subida/ entrada do Morro da Mangueira identificam o lugar e seus moradores, constituindo e ratificando a paisagem local. Além de identificar o lugar e inspirar sentimentos afetivos em seus habitantes, essa paisagem aguça sentimentos e o interesse dos visitantes, principalmente dos turistas que visitam a cidade do Rio de Janeiro no período pré-carnavalesco e durante o carnaval. Cartola traduz esse fenômeno na sua composição “A Mangueira é muito grande”.

A Mangueira é muito grande⁸

A Mangueira é muito grande

Dá galhos pra todo lado

E os frutos que ela dá

Todos são aproveitados

⁶ In: NASCIMENTO, SILVA, DEUS & NOGUEIRA, 2016.

⁷ Nome que se dá à quadra de ensaios da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira

⁸ <https://m.letras.mus.br/cartola>



Vem gente de muito longe
Pra ver se é verdade o que
Ouvem dizer
Em Mangueira, vêm vários artistas
Do exterior, até turistas
Só para ver o que a Mangueira
Tem
Sambar como nossas cabrochas
Ninguém
A Mangueira, minha gente, dá
Galhos para todo lado

Topofilia e Topofobia

111

Os conceitos de topofilia e topofobia fazem referência ao modo como percebemos, nos situamos, compreendemos e idealizamos o espaço que habitamos, ou seja, quais são nossos valores para com o nosso lugar. A Topofilia é conceituada como o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. Já a Topofobia, inversamente ao primeiro, decorre da aversão aos lugares, da ideia de paisagem do medo e aversão ao lugar. (TUAN, 2012).

A palavra topofilia tem em sua formação o radical grego *topo*, que exprime a ideia de lugar e *filia*, radical também oriundo do grego, que tem como significado agradável, o que exprime o sentido de afeição. O neologismo é definido por Tuan como “todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material” (TUAN, 1980, p. 107), podendo assumir assim muitas formas, variando em amplitude emocional e intensidade.

Considerando o lugar objeto do presente estudo, o Morro da Mangueira, são exemplos topofílicos o turismo, que através da apreciação das práticas culturais do lugar, se faz uma constante; o contato físico que o morador estabelece com o espaço e a relação das pessoas com seu lar. O samba constitui um dos mais importantes laços topofílicos, pois ele é o produto cultural mais conhecido da



Mangueira, é parte importante da história do lugar. Entretanto, “o meio ambiente pode não ser a causa direta da toponímia, mas fornece o estímulo sensorial que, ao agir como imagem percebida, dá forma às nossas alegrias e ideais” (TUAN, 1980, p. 129).

Já a topofobia, entendida como um sentimento antagônico à toponímia, representa a aversão ao lugar, tornando-o o lugar do medo, já que o radical *fobia* tem o sentido de aversão, medo. Para Tuan (1980), a familiaridade dessas terminologias “engendra afeição ou desprezo”. O Morro da Mangueira, não diferente dos outros morros cariocas, é marcado por uma história política de marginalização das camadas mais pobres da população, como visto na primeira seção deste artigo. Muitas coisas aconteceram durante o processo de ocupação desses lugares, mas é na década de 70 que se instaura o narcotráfico nesses espaços, com o surgimento das organizações criminosas e, na década seguinte, essa situação se consolida (MAIOLINO, 2005). Sobre esse assunto, Ribeiro (2005) apud Maiolino (2005), afirma que

Favelas e periferias são marcadas pela retração do antigo tecido associativo e pela expansão de formas criminosas e perversas de sociabilidade. Tal mudança reforça a disseminação da cultura do medo que reconstrói os significados sócio- culturais das favelas e da periferia: deixam de ser territórios de coagulação de valores e signos positivos, referências de identidades coletivas, e passam crescentemente o papel estigmatizadores e diabolizadores dos pobres, na medida em que se busca associá-los como o lugar e a origem da chamada violência urbana. (MAIOLINO, 2005, p.111)

Embora seja esse assunto importante ao que se refere à realidade contemporânea dos morros e favelas do Rio de Janeiro, não nos estenderemos, pois a violência aparece, aqui, para ilustrar o laço topofóbico que permeia a relação dos moradores do Morro da Mangueira com o seu lugar. Esse é um tema que causa aversão, medo, quase tabu quando comentado com algum morador.

Considerações Finais

O lugar tratado neste artigo, o Morro da Mangueira, ainda que tenha um ponto negativo por conta da violência, apresenta um histórico positivo quanto ao



samba e às práticas culturais que ocorrem na quadra da escola de samba Estação Primeira de Mangueira, o Palácio do Samba. Com isso o laço topofílico se sobrepõe ao topofóbico.

É nesse contexto que o compositor e ilustre morador do morro, Angenor de Oliveira, o Cartola, desempenha um papel crucial. Através de sua arte, projeta o seu lugar sob um prisma positivo. Ele consegue por meio de suas composições, utilizando construções metafóricas, apresentar um Morro da Mangueira desvitimizado, um lugar onde as pessoas gostam de estar, se sentem tranquilas e seguras entre seus pares. Cartola consegue despertar nos moradores um certo orgulho, desenvolvendo neles um sentimento de pertença, o que se observa ainda nos dias atuais. É muito comum um morador do Morro da Mangueira expressar que reside lá, e ele faz isso sem o menor constrangimento, pois em se tratando de Mangueira, a referência a um dos compositores mais importantes da música popular brasileira, automaticamente, se faz.

Diferente do que ocorre com moradores de outros morros cariocas, que se sentem constrangidos ao se declararem, pois esses lugares, como já mencionado, são estereotipados pela sociedade e pelas mídias, que ressaltam, na maioria das vezes, seus aspectos mais negativos. Os morros são definidos como problema, como um território de máxima precariedade tanto física como social, como uma concentração que se opõe ao restante da cidade. Ao contrário dos moradores do Morro da Mangueira, os moradores de outros morros, geralmente, não desenvolvem o sentimento de pertença, pois, na verdade, pertencer a esse tipo de lugar se tornou uma fonte suplementar de dificuldade para a integração, pois seus habitantes são identificados aos problemas lá encontrados (DUPREZ e HEDLI, 1992, *apud* MOUHANNA, 2007, p. 2).

Cartola consegue, então, através da sua subjetividade, ratificar os conceitos de lugar e paisagem apresentados pela Geografia Humanística e colocar o Morro da Mangueira em uma posição de destaque positivo em relação a outros morros. Explicita o conceito de topofilia, pois o lugar, Morro da Mangueira, é apresentado a partir das referências pessoais do poeta e o sistema de valores que direcionam as diferentes formas de percepção que ele tem constituem a paisagem desse espaço



geográfico. Ratifica-se, então, que o conceito de lugar tem um caráter subjetivo, uma vez que cada indivíduo já traz uma experiência direta com seu espaço.

REFERÊNCIAS

- AMORIM FILHO, O.B. **Topofilia, topofobia e topocídeo em Minas Gerais**. In: Del Rio, Vicente, Oliveira, Lívia de. *Percepção Ambiental: A experiência Brasileira*. 2ª edição. São Carlos (SP): UFSCar/ Studio Nobel, 1999.
- AZEVEDO, Ana Francisca. **A ideia de paisagem**. Impressão: Humbertipo/Porto/Portugal. Livraria Figueirinhas, 2008.
- CARLOS, A. F. A. **.O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007.
- CONTI, José Bueno. **Geografia e Paisagem**. *Ciência e Natura*, Santa Maria, v. 36, Ed. Especial, 2014. *Revista do Centro de Ciências e Exatas – UFSM*
- DARDEL, Eric. **O homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. Tradução Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- DUPREZ, Dominique [e] HEDLI, Mahleddine. **Le mal des banlieues**. Paris, L'Harmattan, 1992.
- FREIRE, Quintino Gomes. **História do Morro da Mangueira**. *Diário do Rio*, 2016.
- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 11.ed. Rio de Janeiro:DP&A, 2006.
- MAIOLINO, Ana Lúcia Gonçalves. **Espaço Urbano Contemporâneo e Subjetividade: um foco especial sobre as favelas do Rio de Janeiro**. Prodoc/ CAPES, 2005.
- MOURA, Roberto. **Cartola, todo tempo que eu viver**. Rio de Janeiro: Corisco Edições, 1988.
- NASCIMENTO, Cláudio H.; SILVA, Ludimila de M.R.; DEUS, José & NOGUEIRA, Marly. **Topofilia e Topofobia das Paisagens Culturais no Município de Barbacena (MG): Arte e Identidade Cultural**. Disponível em <www.forumpatrimonio.com.br/paisagem2016> Acesso em: 23/jun/2019.
- NOGUEIRA, Nilcemar. **De dentro da Cartola, a poética de Angenor de Oliveira**. 2005. Dissertação de (Pós-Graduação/Mestrado). Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2005.
- SILVA, Marília T. B. da & OLIVEIRA FILHO, Arthur L. **Cartola: os tempos idos**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2003.
- STANISKI, Adelita; KUNDLATSCH, Cesar Augusto e PIREHOWSKI, Dariane. **O conceito de lugar e suas diferentes abordagens**. *Revista Perspectiva Geográfica*, V.9, N.11, 2014.
- TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução Lívia de Oliveira. Londrina: Eduel, 1983.